

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

José Eduardo Gomes direção musical
Roberto Henriques corne inglês

23 fev 2024 · 21:00 Sala Suggia

PORTUGAL 2024



casa da música

MECENAS CASA DA MÚSICA





Entrevista ao maestro José Eduardo Gomes.

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

João Domingos Bomtempo

Sinfonia n.º 1 em Mi bemol, op. 11 (c.1809; c.26min)

1. Largo — Allegro vivace
2. Minueto: Allegro assai
3. Andante sostenuto
4. Finale: Presto

Gaetano Donizetti

Concertino para corne inglês e orquestra, A 459 (1816; c.11min)

2ª PARTE

Ludwig van Beethoven

Sinfonia n.º 7 em Lá maior, op. 92 (1812; c.36min)

1. Poco sostenuto — Vivace
2. Allegretto
3. Presto
4. Allegro con brio

João Domingos Bomtempo

LISBOA, 1775 – LISBOA, 1842

Sinfonia n.º 1 em Mi bemol, op. 11

Dedicada a João da Rocha Pinto, a Sinfonia n.º 1 op. 11 de João Domingos Bomtempo foi editada em Londres por Muzio Clementi e estreada em Paris, em 1810, num concerto realizado a 15 de Janeiro na Salle Olympique. Além da obra sinfónica, nesse concerto foi ainda interpretado em primeira audição, pelo autor, o Concerto para piano e orquestra n.º 4 op. 12.

A menção a dois dos principais centros musicais da Europa atesta a dimensão internacional da carreira artística de Bomtempo, quer como compositor, quer como pianista. De facto, o músico português, descendente de um oboísta italiano da Orquestra da Real Câmara, viajou para Paris no início da centúria de oitocentos, em 1801, e para Londres dez anos depois, com o objectivo de encetar uma carreira internacional como pianista, carreira que a certa altura se mistura com a de compositor convertendo Bomtempo numa das figuras características do período romântico — a figura do músico *virtuoso*, isto é, do músico que compõe e interpreta as suas próprias obras.

Não se sabe ao certo em que ano é que João Domingos Bomtempo compôs a sua 1.ª Sinfonia, mas presume-se ter sido por volta de 1809, porquanto a obra foi apresentada publicamente no ano seguinte, como acima se refere. Em 1811, a Sinfonia foi executada em Londres, nos New Rooms em Hannover Square.

Constituída por quatro andamentos, a Sinfonia tem uma formação orquestral tipicamente clássica: cordas, duas flautas, dois oboés, dois fagotes, duas trompas e timbales. Foi muito bem recebida pela crítica francesa, com o *Journal général de la France* a escrever:

“Este grande artista parece ter-se ocupado cuidadosamente da composição para fazer um género de música que ainda não se encontra na memória nem ao alcance dos dedos de todos. Basta ter ouvido a sua primeira sinfonia para o colocar entre os mais célebres compositores; basta tê-lo ouvido a executar a sua própria música ao piano para perceber que ninguém senão ele pode actualmente exprimir os efeitos novos e interessantes de que é autor e que domina na perfeição.”

Se tivermos em atenção que a produção sinfónica em Portugal era, até à data, praticamente inexistente, então o mérito de Bomtempo assume claramente uma outra dimensão.

A obra reflecte a linguagem musical do Classicismo vienense de Haydn e Mozart, ao mesmo tempo que apresenta laivos beethovenianos. O “Largo” que inicia o primeiro andamento indicia alguma malícia, ainda que num registo majestático; já o “Allegro vivace” que o precede, construído na forma sonata, ostenta um tema jovial que se desenvolve nos violinos. Durante a parte central do andamento é possível distinguir claramente uma oposição entre cromatismos e escalas diatónicas que as cordas e as madeiras fazem emergir. O “Minueto” que constitui o segundo andamento está a meio caminho entre o *scherzo* beethoveniano e o *minueto* clássico, com Bomtempo a pender claramente para o primeiro. De salientar a bonita melodia que o clarinete apresenta na secção central formada pelo *trio*. O terceiro andamento da Sinfonia, um “Andante sostenuto”, volta a estar escrito na forma sonata, muito embora o compositor opte neste caso por utilizar apenas um só tema, ao invés dos dois habituais. O quarto e último andamento é um “Presto” alucinante e endiabrado, também escrito na forma sonata com dois temas de carácter diametralmente oposto.

Gaetano Donizetti

BÉRGAMO, 1797 – BÉRGAMO, 1848

Concertino para corne inglês e orquestra, A 459

O nome de Gaetano Donizetti remete imediatamente para o mundo operático, mais concretamente para títulos como *L'elisir d'amore*, *Lucia di Lammermoor* ou *Don Pasquale*. Mas o compositor nascido em Bérgamo, três anos antes do início do século XIX, é autor de um conjunto apreciável de obras instrumentais, em que se incluem sonatas, concertos, sinfonias e música de câmara, a grande maioria delas escritas quando realizava a sua formação musical.

O Concertino para corne inglês que será interpretado no concerto de hoje é uma dessas obras. Foi composto em 1816, ano em que Donizetti, aos 19 anos de idade, sai de Bérgamo para ir estudar para o Liceo Filarmonico de Bolonha com o professor de Rossini, o famoso padre Stanislao Mattei. A obra é dedicada a Giovanni Catolfi, colega de Donizetti no Liceo Filarmonico, que a estreou em Bolonha, a 19 de Junho de 1817. É a obra concertante do século XIX mais importante para o instrumento de madeira de palheta dupla que ostenta um timbre tão característico, a meio caminho entre o nostálgico e o melancólico.

Constituído por três andamentos curtos, que se tocam sem interrupções — “Andante”, “Andante: Tema con variazioni”, “Allegro” —, este Concertino reflecte uma enorme influência da ópera, género que Donizetti já havia começado a explorar desde que começou a estudar com Johann Simon Mayr (1763-1845), na sua cidade natal. Depois de uma curta mas brilhante introdução da orquestra, entra o corne inglês com um tema elegante e *cantabile*, concebido

para que se possa apreciar toda a capacidade expressiva do instrumento. Esse tema vai ser alvo de três variações, interrompido antes da primeira e da terceira por um curtíssimo interlúdio a cargo dos sopros: uma flauta, dois oboés ou dois clarinetes, um fagote e duas trompas. O Concertino termina com um “Allegro” resplandecente, mas com um travo de mordacidade, escrito para que o solista se assemelhe à *prima donna* de uma ópera e exiba todas as suas capacidades técnicas e expressivas, ou seja, todo o seu virtuosismo.

Ludwig van Beethoven

BONA, 1770 – VIENA, 1827

Sinfonia n.º 7 em Lá maior, op. 92

A Sinfonia n.º 7 em Lá maior, op. 92 pertence ao grupo das grandes sinfonias de Beethoven, juntamente com a Terceira, a Quinta, a Sexta e a Nona. Depois de um hiato de quatro anos — durante os quais saíram à luz obras do calibre da Sonata para piano op. 81, do Concerto para piano n.º 5, “Imperador”, do Trio de cordas “Arquiduque”, e da Sonata para violino e piano n.º 3 —, os blocos de apontamentos do compositor alemão contêm esboços da Sinfonia n.º 7 datados de finais de 1811; e no manuscrito autógrafo da obra, que se conserva actualmente na Beethoven-Haus, em Bona, consta o dia 13 de Abril de 1812 como data de conclusão. Cerca de 11 meses mais tarde, Beethoven oferecia a Joseph von Varena, organizador de concertos, duas sinfonias recém-terminadas: a Sétima e a Oitava. Apesar de concluídas num horizonte temporal muito curto, as duas foram estreadas em momentos diferentes. A primeira delas foi tocada em primeira audição mundial na Universidade de Viena, a 8 de Dezembro de 1813,

num concerto em benefício dos soldados feridos na batalha de Hanau, sob a direcção do compositor. A grande atracção do evento era, no entanto, outra obra de Beethoven intitulada *Vitória de Wellington*, op. 91, escrita a pedido do seu amigo, o músico e engenheiro Johann Nepomuk Mázal, para um instrumento novo que ele havia inventado chamado *Panharmonikon*. Ainda assim, a Sinfonia n.º 7 foi recebida calorosamente pelo público vienense com o segundo andamento, “Allegretto”, a ser bisado. Quando da sua publicação, em 1816, pela editora Steiner, Beethoven dedicou-a ao conde Moritz von Fries.

Na sua sétima obra sinfónica, o compositor alemão volta a utilizar a formação orquestral de matriz clássica definida por Haydn nas suas últimas sinfonias (Sinfonias de Londres), que inclui duas flautas, dois clarinetes, dois oboés, dois fagotes, duas trompas, dois trompetes, timbales e cordas. O modelo haydniano está presente também na estrutura da obra, ainda que, como refere René Jacobs, “Beethoven o tenha adaptado à medida das suas ambições”. Tal como ocorre na Primeira, na Segunda e na Quarta, a Sétima Sinfonia inicia-se com uma introdução, a mais longa que o compositor alemão jamais escreveu para as suas sinfonias, num tempo “Poco sostenuto”. Este profundo e intenso preâmbulo serve de preparação para a segunda parte do andamento, um “Vivace” enérgico e frenético em forma sonata, com um marcado pendore rítmico. Beethoven substitui o habitual andamento lento característico do modelo haydniano por um poético e melancólico “Allegretto” escrito no modo menor da tonalidade da sinfonia, Lá menor, que Hector Berlioz, num estudo sobre as nove sinfonias de Beethoven que publicou em 1837-38, caracterizou como sendo “a paciência a sorrir à dor”. O “Presto” é um *scherzo* exuberante e fegoso com

um *trio* muito mais lento e solene, cujo tema terá sido baseado num hino religioso austríaco. Beethoven repete duas vezes a sequência *scherzo* — *trio* com divertidas variantes e conclui este terceiro andamento com uma *coda* muito curta e bem-humorada. O “Allegro con brio” final é uma orgia de ritmo e dinamismo, transbordante de vigor e fúria.

Para Richard Wagner, a Sétima Sinfonia de Beethoven “é a apoteose da própria Dança: é a Dança no seu aspecto mais elevado, o acto mais sublime do movimento corporal, incorporado num modelo ideal de sonoridade”.

ANA MARIA LIBERAL, 2024*

* A autora não aplica o Acordo Ortográfico de 1990.

José Eduardo Gomes

direção musical

José Eduardo Gomes foi recentemente laureado com o 1.º prémio no European Union Conducting Competition, tendo ganho igualmente o Prémio Beethoven no mesmo concurso. É professor na Escola Superior de Música de Lisboa, onde trabalha com as várias orquestras. Foi maestro titular da Orquestra Clássica do Centro, maestro associado da Orquestra Clássica do Sul, maestro titular da Orquestra Clássica da FEUP, professor na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE), maestro titular do Coro do Círculo Portuense de Ópera e maestro principal da Orquestra de Câmara de Carouge (Suíça).

Iniciou os estudos de clarinete na Banda de Música de Famalicão, a sua cidade natal. Prosseguiu-os na ARTAVE e na ESMAE, onde se formou na classe de António Saiote, tendo recebido o Prémio Fundação Eng.º António de Almeida. Mais tarde, frequentou a Haute École de Musique de Genève (Suíça), estudando direção de orquestra com Laurent Gay e direção coral com Celso Antunes.

José Eduardo Gomes é membro fundador do Quarteto Vintage e do Serenade Ensemble. Foi laureado em diversos concursos, destacando-se o Prémio Jovens Músicos (categorias de clarinete e música de câmara) e o Concurso Internacional de Clarinete de Montroy (Valência). É igualmente laureado do Prémio Jovens Músicos, na categoria de direção de orquestra, onde recebeu também o prémio da orquestra.

Nos últimos anos, tem sido convidado para trabalhar com as principais orquestras nacionais, atuando nos mais destacados festivais de música portugueses com solistas como Maria João Pires, Diemut Poppen, Sebastian Klinger, Bruno Giuranna, Artur Pizarro, Natalia

Pegarkova, Adriana Ferreira, entre outros. Na temporada 2022/23, teve concertos em Portugal, França, Bulgária e Hungria.

Participou em produções de óperas como *Don Giovanni* e *Così fan tutte* (Mozart), *Lo Speciale* (Haydn), *La Donna di Genio Volubile* (Marcos de Portugal) e *Os Noivos* (Francisco de Noronha). Recentemente foi diretor musical da nova produção da Companhia Nacional de Bailado, *Alice no País das Maravilhas*, com a Orquestra Sinfónica Portuguesa. Foi igualmente diretor musical da ópera *Blimunda*, de A. Corghi, com libreto de José Saramago, numa nova produção do Teatro Nacional de São Carlos.

Outra parte importante do seu trabalho é dedicada a orquestras de jovens, um pouco por todo o país. É diretor artístico da JOF — Jovem Orquestra de Famalicão. Em 2018 foi agraciado com a Medalha de Mérito Cultural pela Cidade de Vila Nova de Famalicão.

Roberto Henriques corne inglês

Roberto Henriques é natural de Paúl, na Covilhã. Começou os estudos musicais em 1998, na classe de Luís Vieira, na Escola Profissional de Artes da Beira Interior. Em 2004 ingressou na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, na classe de Ricardo Lopes, e em 2010 prosseguiu os estudos na Hochschule für Musik Hanns Heisler, em Berlim, sob a orientação de Ricardo Rodrigues.

Participou em vários estágios de orquestras de jovens, destacando-se a Orquestra da União Europeia (2010 e 2011), com a qual tocou nas mais prestigiadas salas europeias.

Desenvolve uma intensa atividade como músico de orquestra, colaborando com agrupamentos por todo o país. Trabalhou sob a direção de maestros de renome como Michael Sanderling, Gianandrea Noseda, Vladimir Ashkenazy, Peter Eötvös e Christian Zacharias, entre outros.

Desde 2018, integra a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música como Solista B.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, entre os quais Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

As residências artísticas da Casa da Música promovem colaborações com compositores de renome, como Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury, Rebecca Saunders, Enno Poppe e, já em 2024, Vasco Mendonça. A forte marca portuguesa nesta temporada assinala-se com duas estreias mundiais de Vasco Mendonça, e uma outra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner; ou a colaboração com o solista João Barradas na interpretação do *Concerto para acordeão* de Luís Tinoco; ou a nova *Sinfonia Subjetiva* de António Pinho Vargas. A Orquestra evoca ainda a melhor música nacional de várias épocas, entre elas a *História Trágico-Marítima* de Fernando Lopes-Graça, sobre poemas de Miguel Torga, e vários títulos de Emmanuel Nunes.

As temporadas recentes foram marcadas por ciclos de integrais de Mahler, Prokofieff, Brahms, Bruckner, Beethoven, Rachmaninoff e Mozart. Em 2024 apresenta a integral dos concertos para piano de Prokofieff, convidando cinco solistas portugueses: Raúl da Costa, Artur Pizarro, Rafael Kyrychenko, João Xavier e Pedro Emanuel Pereira. São retomadas obras inesquecíveis como o *Requiem Alemão* de Brahms (com as vozes de Sara Braga Simões e André Baleiro), *Um sobrevivente em Varsóvia* de Schoenberg, *a Sagração da Primavera* de Stravinski e a *Terceira Sinfonia* de Mahler (com Natalya Boeva).

A Orquestra tem pisado os mais prestigiados palcos de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2024 toca ao lado do Arditti Quartet no âmbito dos concertos Rasonanz, apresentados pelo ciclo Musica Viva da Rádio da Baviera.

A discografia recente da Orquestra inclui álbuns monográficos de Lopes-Graça (Naxos), Luca Francesconi, Unsuk Chin, Georges Aperghis, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös e Magnus Lindberg, além de inúmeros compositores portugueses, e conquistou duas distinções internacionais com o título *Follow the Songlines* e com um disco de obras de Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta à criação da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, em 1947, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989), entretanto convertida na Orquestra Clássica do Porto (1992) e na Orquestra Nacional do Porto (1997). Já com a formação sinfónica e um quadro de 94 instrumentistas, foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, assumindo a atual designação em 2010.

Violino I

Evgeny Makhtin
Álvaro Pereira
Maria Kagan
Emília Vanguelova
Vladimir Grinman
Joana Machado*
José Despujols
Ilanina Khmelik
Andras Burai
Vadim Feldblioum
Jorman Hernandez*
José Pedro Rocha*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
José Paulo Jesus
Lilit Davtyan
Domingos Lopes
Catarina Martins
Karolina Andrzejczak
Pedro Rocha
Nikola Vasiljev
Ana Luísa Carvalho*

Viola

Pedro Meireles
Jean-Loup Lecomte
Hazel Veitch
Emília Alves
Anna Gonera
Luís Norberto Silva
Rita Carreiras*
Rita Barreto*

Violoncelo

Feodor Kolpachnikov
Sharon Kinder
Aaron Choi
Bruno Cardoso
Hrant Yeranosyan
Ana Sofia Leão*

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Tiago Pinto Ribeiro
Nadia Choi
Altino Carvalho
Slawomir Marzec

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Angelina Rodrigues

Oboé

Tamás Bartók
Telma Mota*

Clarinete

Luís Silva
Gergely Suto

Fagote

Pedro Martinho*
Cândida Nunes

Trompa

Nuno Vaz
Hugo Sousa

Trompete

Ivan Crespo
Rui Brito

Tímpanos

Bruno Costa

*instrumentistas convidados

Operação Técnica**Iluminação**

Virgínia Esteves

Palco

Alfredo Braga
Victor Resende

Próximos concertos

24 SÁBADO 14:30 SALA DE ENSAIO 2

Músicos de fraldas

Paulo Lameiro formador

25 DOMINGO 10:00, 11:30 E 16:00 SALA 2

A playlist dos bebés

serviço educativo · primeiros concertos

Paulo Lameiro conceção artística e interpretação

Alberto Roque, Isabel Catarino, José António Lopes e Pedro Santos interpretação

25 DOMINGO 12:00 SALA SUGGIA

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

José Eduardo Gomes direção musical e comentário

Ludwig van Beethoven Sinfonia n.º 7

27 TERÇA 19:30 SALA 2

Tiago Oliveira

novos valores da guitarra portuguesa

27+28 QUARTA/QUINTA 21:30 SALA SUGGIA

Manel Cruz – a solo

promotor: Incubadora d'Artes

29 QUINTA 21:30 CAFÉ

Carlos Raposo

02 SÁBADO 18:00 SALA SUGGIA

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Andrew Gourlay direção musical

Obras de **Pedro Amaral, António Pinho Vargas e Heitor Villa-Lobos**

03+10+17+24 10:00 E 11:30 SALA DE ENSAIO 2

DiSomNário

serviço educativo · primeiras oficinas

Joana Araújo e Tiago Oliveira formadores

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

